

CURSO DE ATOS – IBCU – OUT/NOV - 2014

AULA 11 – Continuação da 2ª viagem missionária – Paulo, Silas, Timóteo e Lucas seguem para Filipos; As conversões de Lídia, da jovem possessa e do carcereiro; Paulo, Silas e Timóteo em Tessalônica e Beréia; Paulo em Atenas; Paulo em Corinto e reencontro com Silas e Timóteo. (At 16.11 a 18.23)

11.1 – A entrada na Europa (At 16.11,12)

Se a grande inflexão do ministério de Paulo, dos judeus para os gentios, se deu em Antioquia da Síria (At 13.46-48), o caminho sem volta da proclamação do evangelho ao mundo, se deu com a penetração da Europa. Ao atravessarem o Mar Egeu, de Trôade para Neápolis, iniciavam esse caminho sem volta com a equipe reforçada pela inclusão do médico Lucas. Lucas, que Paulo havia encontrado em Trôade onde fora procurar tratamento médico, era provavelmente originário de Filipos. Sua conversão pode ter ocorrido nesse encontro com Paulo e foi, sem dúvida, um reforço usado por Deus para mostrar a Paulo e seus companheiros que a porta que se abria no lugar das que acabavam de ser fechadas (tentativas de ir a Éfeso e/ou Bitínia), era justamente a travessia rumo à Europa, iniciando pela Macedônia. Filipos era uma das principais cidades da Macedônia, tendo recebido esse nome em homenagem a Felipe da Macedônia, pai de Alexandre o Grande, no século IV a.C. Depois de 2 séculos como colônia grega, a cidade se tornou parte do Império Romano tendo se tornado 'colônia romana' no final do primeiro século a.C. Lucas se refere a ela com uma certa deferência, talvez pelo fato de ser ela sua cidade natal (At 16.12). O ambiente cultural de Filipos era de um anti-semitismo latente, o que vai ficar claro por ocasião da prisão de Paulo e Silas após a reação dos 'proprietários' da escrava curada. De Neápolis, onde aportaram, e que ficava a cerca de 16km de Filipos, para lá seguiram pela 'Via Ignácia' (uma estrada pavimentada com grandes paralelepípedos que ainda hoje podem ser vistos em alguns trechos, gastos pelo trânsito de séculos). Essa via importantíssima no Império Romano, atravessava a Macedônia em linha reta, desde Neápolis no mar Egeu, até chegar ao litoral da Macedônia no Mar Adriático. Parte dessa estrada era a principal avenida que cruzava Filipos. Embora o texto do v.12 indique que a equipe missionária permaneceu "*alguns dias*", devemos entender pelo contexto que tenha permanecido algumas semanas. Lucas se concentrou em registrar apenas as conversões emblemáticas de três pessoas, particularmente notáveis por suas diferenças, para mostrar como Deus quebra barreiras. No entanto mais tarde, na sua carta a igreja de Filipos,

Paulo faz diversas outras referências que indicam a possibilidade de ter ficado ali um tempo maior.

11.2 – As primeiras conversões (At 16.13-34)

Em Filipos não havia sinagoga o que mostra, entre outras coisas, que a presença judaica não era significativa. Para que uma sinagoga fosse estabelecida em uma localidade era necessário, pelo menos, dez judeus adultos. Também havia ali um certo anti-semitismo que se manifestaria após a dupla libertação da jovem escrava.

Ao chegarem à Filipos, como não havia sinagoga procuraram, no sábado imediato, um local às margens do rio Gangites que cortava a cidade, onde lhes parecia haver um lugar de oração. Quando não havia sinagoga era comum os judeus se reunirem junto a cursos de água a fim de terem mais facilidades para as abluções e ritos de purificação. De fato encontraram ali um grupo de mulheres e assentando-se, esperaram a oportunidade de falar a elas. Lucas destaca dentre elas a figura de Lídia (cujo nome talvez não fosse esse), que era originária de Tiatira, que ficava na Ásia, do outro lado Mar Egeu. Região essa que havia sido o antigo reino de Lídia, razão pela qual a mulher era conhecida, comercialmente, como a ‘mulher lídia’. Tiatira era famosa pelas suas tinturas, e chegara a ter inclusive uma ‘associação de tintureiros’. Lídia era comerciante de um tecido tratado com a cara tintura cor púrpura, provavelmente a representante de um fabricante de Tiatira. Isso, e as informações de Lucas a seu respeito, nos levam a crer que se tratava de uma mulher rica, talvez viúva, e temente a Deus. Não era judia, mas cria e agia como tal. Com essa receptividade à flor da pele, Lídia ao ouvir a mensagem do evangelho, *“o Senhor Ihe abriu o coração para atender às coisas que Paulo dizia.”* (At 16.14b). A abordagem evangelística de Paulo no caso de Lídia foi a estamos mais acostumados a ver. Uma necessidade principalmente intelectual sendo suprida pela proclamação racional do evangelho que veio a ser entendido através da ação do Espírito Santo que aplica a mensagem aos nossos corações. Como consequência natural creu e foi batizada, ela e toda a sua casa (como Cornélio anteriormente e depois o carcereiro), manifestando logo sua marcante hospitalidade.

A partir daí Paulo e seus companheiros voltaram outras vezes ao local de oração continuando a evangelizar as pessoas dali. Aconteceu que em uma dessas idas, conforme o registro de Lucas acerca da segunda conversão marcante, *“nos saiu ao encontro uma jovem possesora de espírito adivinhador, a qual, adivinhando, dava grande lucro aos seus senhores. Seguindo Paulo e a nós, clamava dizendo: Estes homens são servos do*

Deus Altíssimo e vos anunciam o caminho da salvação.” (At 16.16,17). Paulo não agiu ou reagiu de imediato. Foi necessário que vários dias se passassem para que Paulo agisse. Provavelmente tenha sido o tempo para que Paulo discernisse bem a situação. Poderia ser simplesmente uma provocação ou uma tentativa de desmerecer a mensagem de Paulo associando-a ao poder adivinhador do espírito de ‘pitão’ (origem da palavra pitonisa), que era uma serpente mitológica clássica que vigiava o templo de Apolo e o oráculo de Delfos no monte Parnasso. Pensava-se que Apolo se encarnava na cobra e inspirava as pitonisas, suas devotas, dando-lhes clarividência, embora outros as considerassem ventríloquas. Quando Paulo percebeu claramente tratar-se de uma jovem duplamente escrava (de seus senhores que se aproveitavam dela e especialmente de satanás que a possuía), indignado disse ao espírito maligno: *“Em nome de Jesus Cristo, eu te mando: retira-te dela. E ele, na mesma hora, saiu.”* (At 16.18). A abordagem evangelizadora de Paulo nesse segundo caso de conversão, registrada por Lucas em Filipos, difere totalmente da primeira. Aqui houve um confronto de poder. O poder supremo do Deus criador e libertador confrontando o poder escravizador das trevas. Não estamos muito acostumados a esse tipo de abordagem evangelística, que pressupõe a necessidade de libertação. A atitude de Paulo nos alerta para o cuidado que devemos ter em não generalizarmos e nos precipitarmos em definir todo e qualquer distúrbio emocional, mental ou psicológico como sendo de origem satânica. Talvez esse tenha sido o motivo da aparente demora em Paulo agir. Por outro lado, precisamos estar preparados para o confronto com as trevas, levando a sério a admoestação de Jesus aos seus discípulos, quando não puderam expulsar um espírito maligno de um jovem possesso: *“Esta casta não pode sair senão por meio de oração [e jejum].”* (Mc 9.29). Após essa dupla libertação, embora o texto não registre, deve se entender que a jovem escrava foi também batizada e recebida como membro ‘fundadora’ da nova igreja de Filipos.

Intimamente ligada à terceira conversão marcante registrada por Lucas em Filipos, está a reação dos senhores da jovem escrava recém liberta. Aqueles homens que se aproveitavam da jovem escrava para obterem lucros, perceberam que ao sair dela o espírito imundo, foi-se embora também a esperança de lucro que tinham. Como romanos que eram, acionaram as autoridades com falsas acusações contra Paulo e seus companheiros. Insinuaram que, como judeus perturbavam a cidade com costumes contrários a cultura e religião romanas, conseguindo insuflar a

multidão das ruas contra eles. Paulo e Silas, que efetivamente eram judeus (ao contrário de Timóteo e Lucas), tiveram suas vestimentas rasgadas, foram açoitados com varas e lançados em cárcere de segurança máxima. Nesse ponto surge a figura daquele que viria a ser o terceiro e significativo convertido, que completaria o trio que seria a base da nova igreja. Paulo e Silas, além de aprisionados sem qualquer acusação formal, tiveram seus pés fixados no tronco (com as pernas abertas ao máximo para provocar muita dor), além de cadeias. Mesmo nessa situação, fisicamente machucados e doloridos, preocupados com a própria sorte e com o destino do evangelho recém-pregado e os novos convertidos, tinham paz para, à meia-noite, orarem e cantarem louvores, a ponto dos demais companheiros de prisão acompanharem. Nesse momento algo extraordinário acontece. Um grande terremoto abala os alicerces da prisão de segurança máxima. As cadeias se soltam. O tronco é partido. As portas se escancaram. Isso em relação a todos os presos e não somente a Paulo e Silas. O carcereiro que morava com sua família nas dependências da prisão acorda assustado. Ele provavelmente era um soldado romano aposentado, funcionário público classe média, e sem perspectivas de futuro na vida. Muito provavelmente um cético. Imediatamente após verificar a extensão do ocorrido, e naturalmente convencido pelo que estava vendo, decidiu tomar a iniciativa do suicídio, pois seria melhor do ser executado em face dos detentos sob sua guarda terem fugido. Paulo atento, ao perceber na penumbra a intenção suicida do carcereiro, brada em alta voz para que ele não fizesse aquilo, pois nenhum dos detentos havia fugido. Para o carcereiro aquilo foi de um impacto tremendo. Contrário a toda e qualquer expectativa de sua parte. Nessa hora veio à sua mente, não somente o que tinha ouvido acerca daqueles homens, como a constatação de um milagre na sua vida e profissão. Prontamente, trêmulo de emoção, se prostra diante de Paulo e Silas e clama por salvação! O resultado é que ouve agora, não mais com ceticismo a mensagem do evangelho, e ele e sua casa creem e são batizados. A abordagem de evangelização neste caso sucede a um quebrantamento oriundo de uma manifestação do poder de Deus.

Em resumo podemos verificar a versatilidade nas abordagens evangelísticas no ministério de Paulo em Filipos:

- Lídia – Foi alcançada pela proclamação do evangelho no local e dia de culto. Embora não houvesse sinagoga na cidade, os judeus e prosélitos se reuniam na margem do rio. Paulo mantinha a estratégia de começar pelos que já tinham algum conhecimento do AT, quando isso era possível.

Pregou tradicionalmente e intelectualmente. Converteu-se ao ouvir o evangelho, já preparada para isso. Era mulher, asiática, rica, interessada nas coisas de Deus;

- A jovem pitonisa, escrava – Depois de uma semana, pelo menos, surge no caminho de Paulo e de seus companheiros. Depois de um certo tempo Paulo confrontou os poderes das trevas que a escravizavam. Foi duplamente libertada e se converteu após esse encontro. Era escrava, grega, pobre, duplamente subjugada;

- O carcereiro – Se aproxima de Paulo devido ao cumprimento de suas obrigações. É duro com Paulo e seus companheiros. Seu ceticismo é confrontado por uma manifestação extraordinária do poder de Deus, acrescido ao fato de ter sido impedido de suicidar-se por não haver, de fato, motivo para isso. Quebrantado entrega sua vida, crendo no evangelho proclamado após o evento. Era romano (gentio), soldado aposentado, classe média, funcionário público.

O chefe de uma família judaica tradicional orava diariamente pela manhã, mais ou menos assim: **“Oh Deus, eu te dou graças por não ser gentio, nem mulher, nem escravo!”** Deus, com seu senso de humor, fez com que uma das igrejas mais saudáveis do NT e a primeira a ser estabelecida na Europa, tivesse como membros ‘fundadores’, exatamente representantes dessas três categorias de pessoas desprezadas pelos judeus, remidos e unidos em Cristo. Isso nos lembra o que o mesmo apóstolo Paulo escreveu mais tarde aos gálatas: *“..., não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus.”* (Gl 3.28)

11.3 – Cidadania romana, Tessalônica e Beréia (At 16.35 a 17.15)

As autoridades pensavam que o açoitamento público e uma noite na prisão seriam suficientes para que os prisioneiros tivessem aprendido a lição e saíssem sem fazer barulho. Ledo engano. Descobriram na manhã seguinte que se tratava de dois cidadãos romanos, que além de saberem seus direitos, estavam interessados em que após a sua saída da cidade os novos convertidos fossem respeitados em sua nova fé. E assim foi, pois ao saberem disso as autoridades se assustaram por saberem que pela *“lex Julia”*, um cidadão romano não podia ser açoitado ou preso por um magistrado ou por qualquer outra pessoa, especialmente sem qualquer julgamento ou condenação. Penalidades pesadas recaíam sobre os que descumprissem essas normas, violando os direitos da cidadania romana. Nessas condições Paulo e Silas negaram-se a deixar a prisão até que as autoridades fossem até eles e se desculpassem formalmente. Realmente

assim aconteceu e, ao mesmo tempo, lhes rogaram que deixassem a cidade. Assim o fizeram, mas só depois de irem a casa de Lídia e confortarem os irmãos.

De Filipos seguiram agora para Tessalônica, 160km a sudoeste, passando por Anfípolis e Apolônia, que eram duas pequenas cidades no caminho. Não se detiveram em nenhuma delas, não ser, talvez, para passarem a noite. Parece que Lucas não seguiu com os três outros, permanecendo em Filipos e/ou Trôade. Tessalônica era a capital da Macedônia e porto de grande importância. Lá havia uma sinagoga dos judeus e Paulo, segundo o seu costume (mesmo após ter decidido voltar-se para os gentios – At 13.46), procurou-os e por três sábados pregou o evangelho entre eles (At 17.2). Embora Lucas tenha priorizado o registro dessas três semanas entre os judeus em Tessalônica, na realidade Paulo deve ter ficado alguns meses na cidade, como indicam as suas duas cartas a essa igreja mais tarde. Mesmo assim, nestas três primeiras semanas foram alcançados quatro grupos distintos: Judeus, gregos (gentios), tementes a Deus e mulheres distintas. Também surgiram problemas por parte de judeus invejosos que arregimentaram a escória da cidade para, mentindo tentarem desestabilizar o trabalho até ali. É nessa ocasião que, ao tentarem prender Paulo e Silas na casa de Jason, que os havia hospedado, não os encontrando, prenderam o próprio Jason que só foi solto mediante fiança. O verso 6b registra uma frase notória acerca dos pregadores do evangelho: *“Estes que têm transtornado o mundo chegaram também aqui,”*. Depois desse tumulto, foram eles, Paulo, Silas e Timóteo enviados a Beréia, mais a sudoeste ainda, a 80km de distância de Tessalônica. Em Beréia tem lugar um episódio marcante, sempre lembrado em homenagem aos judeus da sinagoga de lá, pela atitude com que receberam e reagiram à exposição do AT feita por Paulo. At 17.11,12 fala por si. Interessante é que Paulo, expôs as escrituras e os judeus de Beréia as examinaram, para ver se os argumentos de Paulo eram convincentes. Podemos ter certeza de que Paulo apreciou essa reação ponderada e a encorajou. Paulo acreditava na doutrina (conteúdo teológico da mensagem), mas não no doutrinamento, (instrução tirânica que exige aceitação sem crítica). Dessa forma os argumentos de Paulo e os estudos de seus ouvintes iam de mãos dadas. Com base nessa experiência de Beréia, os que ensinam devem orar para que O Espírito Santo abra sua boca para explicar as boas novas da salvação e que abra a mente dos seus ouvintes para entendê-las.

11.4 – Paulo em Atenas (At 17.16-34)

Judeus de Tessalônica, que já haviam tentado prender Paulo e seus companheiros, vieram a Beréia com o mesmo propósito. Tão logo souberam disso, irmãos de Beréia fizeram Paulo sair imediatamente rumo a Atenas e o acompanharam navegando até lá. Quando voltaram trouxeram a recomendação de Paulo para que Silas e Timóteo fossem encontra-lo o mais depressa possível.

Uma vez em Atenas, sozinho, teve experiências marcantes nessa cidade que só conhecia por informações e onde nunca havia estado. Atenas era a primeira cidade-estado da Grécia desde o século V a.C. Mesmo após ser integrada ao Império Romano, manteve sua independência intelectual tornando-se também uma 'cidade livre'. Sua rica tradição filosófica herdada de Sócrates, Platão e Aristóteles ainda a mantinham com a reputação de metrópole intelectual do Império. No entanto, o que Paulo viu em Atenas o deixou perplexo. A intensa idolatria sufocava a cidade e os cidadãos. Havia inúmeros templos, santuários, estátuas e altares. Um satirista romano chegou a dizer que era mais fácil encontrar ali um deus do que um homem. Em toda a parte havia imagens de Apolo (padroeiro da cidade), Júpiter, Vênus, Mercúrio, Baco, Netuno, Diana e Esculápio. Todo o panteão grego estava ali, todos os deuses do Olimpo. As imagens eram belíssimas, feitas não apenas de pedra e bronze, mas de ouro, prata, marfim e mármore. Confeccionadas pelos melhores escultores gregos. Paulo se revoltava com isso (At 17.16). Em face disso anunciava o evangelho libertador tanto na sinagoga, aos sábados, como na praça, diariamente. Não passou despercebido, sendo interpelado por filósofos das duas maiores escolas de então (epicureus e estóicos) que, embora menosprezando-o, levaram-no até o Areópago a fim de ouvi-lo com mais atenção, pois estavam sempre em busca de novidades. Aproveitando essa oportunidade, Paulo começa com uma pitada de ironia: *"Senhores atenienses! Em tudo vos vejo acentuadamente religiosos;"* (At 17.22). Aproveitando a 'deixa' do altar 'ao deus desconhecido', Paulo, do verso 24 ao 31, apresenta o Deus Criador do universo, o Deus mantenedor da vida, o Deus que é o governador de todas as nações, o Deus Pai de todos os seres humanos e, por fim, o Deus que é também o Juiz do mundo. Nesse ponto ele fala novamente da ressurreição a que já havia abordado na praça. A reação foi diversa. Alguns caçoaram dele, outros decidiram dar um tempo e finalmente uns poucos creram, dois dos quais tem seus nomes registrados no texto.

A experiência de Paulo em Atenas nos mostra que devemos imitá-lo em sua habilidade de falar com a mesma facilidade, às pessoas religiosas na

sinagoga, aos transeuntes na praça e aos filósofos altamente sofisticados no Areópago. O que hoje poderíamos comparar a pregar na igreja, onde sempre haverá os que estão lá ocasionalmente e nominalmente, nas praças, shopping, esquinas, feiras, cantinas, etc. onde as pessoas estão passando e se divertindo, e na universidade onde geralmente estão os céticos e as melhores cabeças pensantes, e que dificilmente seriam alcançáveis em outros lugares.

11.5 – Corinto; Áquila e Priscila; Silas e Timóteo (At 18.1-23)

Depois desse acontecimento no Areópago, Paulo partiu para Corinto. Paulo passava de uma cidade estratégica para outra. Corinto estava situada na Acaia, em frente ao istmo que ligava a Macedônia. Tinha dois portos, Lequeo no Golfo de Corinto a oeste e Cencrêia no Golfo de Sarona a leste. Chegou a ser chamada por Horácio de 'bimaris'. Era uma cidade de navegadores e Posêidon, o deus grego dos mares que os romanos chamavam de Netuno, era adorado ali. Eram realizados os Jogos Ístmicos, a cada dois anos, e rivalizavam com os Jogos Olímpicos. Mas Corinto estava associada também a imoralidade, com a presença do templo de Afrodite, ou Vênus (a deusa do amor). Era servida por mil escravas que vagavam pelas ruas à noite, como prostitutas. Por isso tudo e muito mais Paulo, nas suas cartas conhecidas a igreja estabelecida aqui, fez sérias admoestações.

Em Corinto encontrou Áquila e Priscila, sua mulher, judeus recém chegados da Itália. Como Paulo, Áquila tinha por profissão fazer tendas. Paulo foi morar com eles e trabalhavam juntos. Mantinha, no entanto, seu costume de falar na sinagoga, tanto a judeus como a gregos. Assim decorreu certo tempo, até que, finalmente chegaram de Beréia Silas e Timóteo. Nesse momento passou a dedicar-se, exclusivamente à pregação. Como em oportunidades anteriores, levantou-se oposição ferrenha dos judeus contra Paulo. Diferente de outras ocasiões, no entanto, ele teve uma visão de Deus para que, apesar da oposição, permanecesse naquela cidade, onde ficou um ano e meio. Ali se converteram dois principais da sinagoga, Crispo e Sóstenes, além de outras pessoas citadas nominalmente ou não. Também Gálio, o governador da Acaia ouviu Paulo e garantiu a ele a liberdade de continuar pregando.

Termina a segunda viagem missionária com Paulo voltando a Antioquia, passando por Éfeso, onde prometeu voltar mais tarde, Cesaréia e Jerusalém. Levou consigo a Áquila e Priscila.

A experiência de Paulo em Atenas nos alerta no sentido de que os ídolos não estão limitados às sociedades primitivas. O ídolo é um substituto de Deus, ou seja, qualquer pessoa ou coisa que ocupe o lugar que Deus deveria ocupar: Fama, riqueza, poder, sexo, comida, álcool e outras drogas, os pais, a esposa, os filhos, os amigos, o trabalho, o lazer, a televisão, as propriedades e bens, e até as atividades eclesiais. Paulo ficou indignado com a idolatria que presenciou em Atenas. Será que nós nos perturbamos com a idolatria que nos cerca no nosso mundo hoje?